AQUIRÁS OUTRORA E HOJE (*)

AIRES DE MONTALBO

Não se pode negar que Aquirás, rival de Fortaleza, em seus primórdios, é hoje uma cidade simpática e atraente. Cidade silenciosa, que parece meditar sôbre o passado. Suas tardes são enternecedoras. O crepúsculo que a envolve, ao pôr-do-sol, é bucólico como uma écloga virgiliana. A praça principal, arborizada e umbrosa, é um convite e um encanto sugestivo para a juventude A Matriz, que vem do século dezoito, é típica como estilo colonial. Faz pensar em tempos idos. Relíquia de alto valor, é hoje um patrimônio do Estado. O Museu de Arte Sacra, que lá se encontra, é de real interêsse histórico e reúne peças de valor inestimável.

O Padroeiro, São José de Ribamar, calçado de botas, relembra um bandeirante audaz do tempo de Pero Coelho ou Jorge Velho. Dizem que, em anos passados, foi retirado do Altar-Mor da Matriz, como coisa exótica, por D. Manuel da Silva Gomes, mas foi repôsto pelo atual Arcebispo, D. José Delgado, que nisso viu com mais lúcida visão histórica, pois, como está revestido, é que êle assistiu ao nascimento da Vila e presidiu aos bons e maus dias dêsse povo fiel, sendo. além do mais, uma expressão religiosa de outras eras.

Sem falar da praia do Iguape, que lhe fica ao pé, com suas belas vivendas de veraneio, ao longo da orla atlântica, só os vales de Tapera e do Fagundes, com os sítios maravilhosos, que margeiam a estrada de Cascavel, com seus arroios perenes e vírides canaviais, dão à região um valor inapreciável sob o ângulo econômico. E' uma região fértil, "de terras aráveis", fecundíssimas, por causa das muitas águas que tem, como diria Vaz de Caminha. Basta olhar a fron-

---

(*) Nota da Redação: Este trabalho, com leves modificações, saiu, originàriamente, no jornal **A Fortaleza**, de 26 de novembro a 31 de dezembro de 1967.

dosidade dos cajueiros e mangueiras ali existentes. Note-se que Aquirás, etimològicamente, significa "água mais adiante", segundo os nossos melhores intérpretes do linguajar nativo. O nome talvez queira significar a próxima enseada do Iguape, que já foi o melhor pôrto da região, — ou a foz, não muito distante, do rio Pacoti. "Água mais adiante..." que belo nome para um viajante esfalfado e sedento!

Gustavo Barroso, insistindo no paralelo, hoje desproporcionado, entre as duas vilas iniciais, dêste lado do Atlântico, conclui, com euforia: — "Hoje Fortaleza sorri, esplendorosamente, para o futuro, enquanto Aquirás, poèticamente se envolve na melancolia do passado..." (**A Margem da História do Ceará**, pág. 92). Tem hoje o aspecto de cidade morta, diz, por sua vez, Renato Braga.

A nós não nos importa muito saber quem cresceu mais, por circunstâncias extrínsecas ao meio. Importa-nos sim, êsse passado, que se deve tornar mais conhecido dos cearenses de hoje, que lá vão espairecer na cidade acolhedora e hospitaleira e desfrutam, ali, as tardes mais comoventes do Ceará, sob aquêle ambiente bucólico e sugestivo. Voltemos, portanto, ao passado.

Ali os jesuítas mantiveram, no século dezoito, um Colégio, com o nome de Hospício, edifício hoje extinto e cuja pedra fundamental se encontra reposta nos alicerces da Escola Apostólica de Baturité, ornada com uma bela inscrição latina, de que falaremos adiante.

Hospício, no linguajar do tempo, não era o que hoje se entende por tal nome, mas um pôsto missionário estável, donde faziam suas excursões e entradas os missionários do Ceará-Grande, que jornadeavam pelo Jaguaribe, pelo Forte e aldeias do sertão longínquo. Por Hospício, nome hoje estranho, deve entender-se, segundo Serafim Leite, Residência-Maior, ou Casa da Companhia, diferente dos postos mantidos nos aldeamentos. Seria também casa de repouso, onde se vinham acolher os missionários estafados, doentes ou alquebrados pela idade. Vinham reparar fôrças perdidas.

Do que foi essa Residência em tempos idos, só resta o nome — o sítio do Colégio — hoje propriedade do atual Prefeito Municipal, Sr. Alberto Targino, e uma parede em ruínas do antigo Seminário jesuítico. Resta, ainda, na tradição do povo, uma lenda que diz terem os jesuítas dali expulsos em 1759, profetizado que um dia o mar ainda havia de passar sete metros acima da tôrre da matriz de São José do Ribamar, — profecia esta ainda por se cumprir. "Honny soit qui mal y pense..."

Serafim Leite, no terceiro tomo de sua **História da Companhia de Jesus no Brasil** chama nossa atenção para o fato de essa Casa jesuítica ter sido o primeiro Seminário e o primeiro estabelecimento oficial de ensino de Latim e Humanidades do Ceará, — o que é honra para a terra aquirasense.

A idéia da fundação dêsse Hospício se deve ao P. Ascenso Gago, célebre missionário da Ibiapaba, em fins do século dezessete. Foi levado por suas informações e atendendo aos seus serviços, que não

eram poucos, que o Rei D. Pedro II, de Portugal, escreveu a 18 de janeiro de 1697, duas cartas idênticas ao Governador de Pernambuco, Caetano de Melo e Castro e outra ao Governador do Maranhão, Antônio de Albuquerque Coelho de Carvalho, dizendo-lhes o seguinte:

"Tenho resoluto (hoje diríamos **resolvido**) que no Ceará se faça um Hospício, para assistirem nêle os Padres da Companhia, que têm à sua conta a missão daqueles sertões, e porque o Pe. Ascenso Gago avisa ser conveniente situarem-se os índios em Aldeias pela costa, que dista do Ceará ao Maranhão duzentas léguas, e se lhes dêem de sesmarias as terras que ficam desde a barra do Aracati-Mirim até a barra do rio Temona, cortando desde as barras dos ditos rios a rumo direito para a Serra da Ibiapaba, entrando na sesmaria tudo o que os rumos apanharam da Serra até entestar com os Campos Gerais, que lhe ficam da outra parte, — mando ao Governador que assim o faça e dê ajuda aos Padres e gentios para que se movam os mais a abraçarem a nossa amizade."

Para fundação e sustento da Casa, el-Rei dava, de uma só vez, seis mil cruzados e a côngrua necessária por dois anos até terem êles rendimento próprio que, segundo as possibilidades da terra, consistia na criação de gado. Para isso ordenava el-Rei àqueles Governadores que dessem as terras indispensáveis.

Mas, assim como a fundação da vila e comarca de Aquirás não foi nada pacífica, como sabemos, do mesmo modo a fundação do Hospício encontrou, desde o início, diversidades de opinião. Entre a primeira ordem régia e a fundação da casa mediaram mais de trinta anos e isso por causa da sonegação da côngrua assinalada pelo Rei Ademais o Pe. João Ginzel era de parecer que a Ibiapaba e todo o Ceará ficassem unidos não ao Estado do Maranhão, como era, mas a Pernambuco, isto é, ao que então se chamava Estado do Brasil.

João Ginzel foi, com outros, em 1720, a Lisboa fazer suas representações ao Rei. Nisso entraram também mais dois peticionários, o Padre Antônio de Sousa Leal, clérigo secular, e o morubixaba da Serra Grande, Jacobo de Sousa. Todos três queriam o Hospício na Ibiapaba. E suas pretensões foram examinadas pelo Conselho Ultramarino.

Entretanto, a 17 de março de 1721, o padre João Ginzel consegue do Rei D. João V o alvará de fundação do Hospício. Mas venceu a idéia de se situar esta Casa mais perto da orla marítima, que a essa altura já era a opinião de Ginzel. Voltando de Lisboa, com a graça concedida, êle vai primeiro a Ibiapaba (1722), mas volta com a idéia de a fundar em Aquirás.

Desde 1656, dois anos após a retirada de Matias Beck e de sua gente, que os jesuítas tinham tomado contacto com a povoação do Forte, a atual Fortaleza. Ali já estivera o Padre Antônio Ribeiro e o Pe. Jacob Cócleo chegou a ser, por um tempo, o seu capelão.

A primeira casa, porém, dos jesuítas, na futura Capital cearense deve datar-se de 1723, três anos antes da fundação da vila do Forte,

feita pelo Capitão-Mor Manuel Francês. Em Aquirás êles chegaram em 1727.

Ali êles se estabeleceram, com finalidade tipicamente missionária e pastoral, como se pode ver das cartas ânuas dessas três décadas: 1727 — 1759.

Quem lê a descrição feita por Serafim Leite (Hist. III, pág. 87-89) do mapa de Manuel Francês, ao inaugurar a vila do Forte (1726), tende a concluir que êle, S. Leite, confunde a Casa dos jesuítas assinalada nesse mapa, com o Hospício de Aquirás. De fato não confunde, pois o historiador, ao utilizar tais dados, conhecia já, **de visu**, a distância que separa o antigo Forte da Vila de São José de Ribamar. Mesmo em minúcias dêste gênero o homem é segurissimo.

Em Aquirás os Padres da Companhia viveram trinta e dois anos seguidos: desde o princípio de 1727 até fevereiro de 1760, quando embarcaram, presos, para os cárceres de Lisboa, na perseguição pombalina. A procela antijesuítica rugia na Europa já há alguns anos, soprada, sobretudo, pelo Ministro de D. José I, Sebastião José de Carvalho e Melo, homem rancoroso e de coração empedernido. A êle deve o Brasil esta guinada para a estaca zero.

Os jesuítas do Ceará, convocados das aldeias do Centro, onde trabalhavam com os índios, e das aldeias pouco distantes do Forte, reuniram-se, em dezembro de 1759, no Real Hospício de Aquirás para obedecerem à ordem régia. Na noite de Natal dêsse ano triste sua Casa foi cercada de soldados e o vigário local leu, aos Padres reunidos e silenciosos, o decreto de expulsão do Brasil. Pouco depois, a 9 de fevereiro de 1760, embarcaram, sob escolta, no Iguape, com destino ao Recife.

Deve ter sido um Natal tristíssimo êsse de 1759. Deixaram, ao deusdará, as suas florescentes missões indígenas. Deixaram tudo, levando apenas os seus objetos de uso pessoal. Lá ficaram, nessa Aquirás de tantos sonhos, a sua bela Casa Hospitaleira e a igreja anexa, "de muito boa arquitetura", diz Barba Alardo, demolida em 1854 pelo então Presidente da Província, que era o Padre Vicente Pires da Mota, "homem pouco respeitador de monumentos", nota Álvaro Gurgel de Alencar no seu **Dic. Geogr. Hist. e Descritivo do Est. do Ceará, pág. 26**. A demolição de Pires da Mota atingiu também o antigo Hospício. Não sabemos como pôde escapar à picareta essa parede em ruínas, que ainda se vê por lá.

A igreja jesuítica tinha no frontispício a data de 1753. Depois de 97 anos de abandono e incúria, desde a saída dos Padres, é natural que igreja e Hospício estivessem em péssimo estado de conservação. Talvez a igreja do Colégio foi destruída assim, por ficar muito próxima da atual Matriz, construída pelo Padre José Pereira de Castro, Vigário Geral e forâneo da Capitania. (Cf. Renato Braga, **Dic. Geogr. e Hist. do Ceará, I, pág. 146**).

Os bens do Real Hospício, que foram arrolados para a fazenda real, dispersaram-se com o tempo. Eusébio de Sousa, pesquisador

emérito, dá notícia de uma preciosa lâmpada de prata, que pertenceu ao antigo Hospício dos jesuítas e que "ora, (1935) está servindo no altar do Santíssimo Sacramento na Catedral de Fortaleza". Refere-se à antiga, que foi demolida. Creio que esta lâmpada está hoje no Museu de Aquirás.

Expulsos os jesuítas, seus bens ficaram ao desbarato e expostos à ganância dos mercadores e foram recolhidos por outros, talvez até com intenção de os salvar. Não sabemos se lhes pertenceu, antes de quaisquer outros, essa bela cruz processional de prata pura, que tanto impressionou Gustavo Barroso, que a descreveu tão minuciosamente no livro **A Margem da História do Ceará**, pág. 88.

Por muito tempo se afirmou, sem mais, ter sido Aquirás a primeira paróquia do Ceará. E não foi. O Sr. João Batista Perdigão de Oliveira, acurado pesquisador de nossas coisas, provou já, de modo convincente e irretorquível, que a primeira paróquia do Ceará vem do ano de 1671 pelo menos, quando se tratou de fazer uma guerra de extinção aos índios Paiacus. Quem a decidiu, com sua autoridade, foi o vigário de então, Padre Francisco Ferreira de Lemos, que presidiu à sessão convocada para isso. Era o vigário da freguesia e essa era a que funcionava junto ao Forte e aí continuou até 1756. (Cf. **Rev. do Inst. do Ceará**, 1888, tomo 2.º, pág. 226.) Nesse caso, como veremos, houve confusão, da parte de certos escritores, entre comarca e paróquia.

A primeira comarca, sim, foi Aquirás, instituída por ordem régia de 18 de janeiro de 1760, ordem que pôs têrmo ao vivo e exacerbado litígio, protraído de há muito, entre as duas localidades, Fortaleza e Aquirás.

Ambas, como é sabido, pretendiam ser a sede da nova Ouvidoria, criada pela carta régia de 8 de janeiro de 1723. Ganhou Aquirás, por ser a mais antiga.

Só em 1816 (27 de junho) Aquirás perdeu essa honrosa prerrogativa contra Fortaleza. Quarenta e sete anos depois, a saber, em 1863 (7 de novembro) o têrmo de Comarca volta a Aquirás, compreendendo o têrmo de Cascavel. Em 1888 é declarada, por antiguidade, comarca especial. Extinta algum tempo depois, — que as comarcas, no Ceará, são móveis como dunas, — passou o têrmo à de Cascavel em 5 de junho de 1891. Só há poucos anos, a 23 de junho de 1947, foi revigorada e restabelecida, como Comarca de primeira entrância, por fôrça do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição estadual. (Cf. Renato Braga, I, loc. cit. pág. 145.)

Nos trinta anos que lá passaram, pelo menos um jesuíta ficou sepultado em Aquirás: o Padre Manuel Batista, que, segundo Loureto Couto, viveu trinta anos na contínua tarefa de ganhar almas para Deus. Assistiu aos índios do Ceará onde, com grande esplendor de virtudes, finalizou sua vida, diz o autor dos "Desagravos do Brasil e Glórias de Pernambuco". Sua morte verificou-se a 26 de maio de

1756 no Hospício de Aquirás. Não foi no fim de julho, como assevera o autor supracitado. Era natural do Pôrto, Portugal, e não da Arquidiocese de Braga (outra afirmação errônea de Loureto Couto). Entrara na Companhia a 14 de agôsto de 1699 com 17 anos de idade. Tinha, ao morrer, 74 anos, pois nascera em 1682.

Há pouco tempo atrás, (1967) assistimos, em Aquirás, numa bela tarde festiva, à inauguração de um suntuoso Ginásio, que tem o nome ilustre de Antonieta Alencar Castelo Branco, justa homenagem à filha do grande e jamais esquecido ex-Presidente da República, Marechal Castelo Branco. Pertence à Campanha Nacional de Ginásios Comunitários (olim, Gratuitos) e fica ao lado da Matriz, na direção do antigo Colégio jesuítico. Aí brotou-me a idéia de escrever estas notas, superficiais, mas evocativas sôbre o passado, algo melancólico de Aquirás.

Êsse Ginásio a que nos referimos, obra, sobretudo, de Paulo Sarasate, será, porventura, a melhor unidade escolar da urbe e da região, segundo cremos, e a única de curso médio ali existente.

Convém saber que sòmente 62 anos depois de retirados os jesuítas, ou seja, no ano de 1822, foi criada a primeira cadeira pública de ensino primário para o sexo masculino, em Aquirás (provisão de 26 de junho) sendo, nesta fase, primeiro mestre-escola, Antônio Pereira Barreto.

A cadeira para o sexo feminino foi criada sòmente em 1858 a 9 de agôsto, no mesmo dia em que Baturité foi, por lei, elevada a cidade. Para confronto dêstes dados, veja-se Renato Braga, (**op. cit. I**, pág. 144.) Por aí se pode ver o prejuízo causado ao nosso povo com a perseguição injustificável movida aos filhos de Loiola pelo truculento Marquês de Pombal. E isso em todo o Brasil, nos domínios de Ultramar, no mundo!

Mais uma vez queremos assinalar, citando Serafim Leite, "que o Real Hospício ficou na história da instrução e educação pública, como a primeira instituição cearense, onde se ensinaram Humanidades; e também, na história eclesiástica do Ceará, por ter sido, de fato, o seu primeiro Seminário". (Cf. **História da Comp. de Jesus no Brasil**, tomo III, livro I, cap. V. pág. 83).

Quando Fortaleza e Aquirás viviam em contínua luta pela sede da Capitania, num vaivém desconcertante para o Govêrno, tendo a Câmara ora lá, ora aqui, o Governador de Pernambuco, Félix José Machado, enviou ordens ao Capitão-Mor do Ceará, Francisco Duarte de Vasconcelos, para que se cumprisse a ordem régia de 30 de janeiro de 1711 e se mantivesse a Vila em Aquirás, por ser essa a vontade do Rei.

Essa ordem não foi cumprida logo, mas só em 1713, pois os moradores do Forte e o vigário pediram à Câmara que sustivessem a transferência até segunda ordem do Governador de Pernambuco, a quem iam expor a situação ou **status rerum**".

O Governador, já impaciente e meio abespinhado, não atendeu à petição dos que queriam a Vila junto ao Forte e mandou que se realizasse a transferência, mesmo **manu militari**, ou seja, à mão armada, se preciso fôsse. Estava longe de adivinhar o mal que tal transplante acarretaria ao povo da nascente colônia.

E a mudança se fêz a 27 de junho de 1713. Dois meses depois, a 18 de agôsto, os índios guanacés, paiacus e jaguaribaras, conjurados, atacaram, de súbito, Aquirás. A vila, sem nenhum pressentimento, estava indefesa. Foi repentino o golpe desfechado pela indiada infrene. A Câmara refugiou-se no Forte. O povo, ante a terrível invasão, correu espavorido. Era o saque. As casas foram evacuadas num instante e todos procuraram a proteção do Forte, cinco léguas distante, fugindo pelos caminhos da Precabura e de Messejana, atropeladamente, perseguidos pelos ferozes indígenas, que mataram, nessa fuga, mais de duzentas pessoas indefesas. Foi um dia terrível, êsse para Aquirás. Hoje mal podemos fazer uma idéia dessa chacina em massa de um núcleo, que mal principiava!

Houve reclamações junto à Coroa, apoiadas nesse lutuoso acontecimento, mas, a despeito de tudo, a ordem régia de D. João V, de 21 de outubro de 1721, ainda conservava a Vila em Aquirás.

Diante dêsse fato, compreendemos muito bem, lastimando-o embora, o que aos paiacus do Jaguaribe fêz Morais Navarro no final do século anterior.

Só em 1725 a Capital do Ceará, já sem lembrança alguma de holandeses, será estabelecida, definitivamente, à sombra dos muros da nova Fortaleza. Instalada no ano seguinte, a 13 de abril.

Daí por diante, não mais se voltou a Aquirás com Câmara e pelourinho. Cada qual tomou, como pôde, seus rumos diferentes. Por essa época a Casa dos jesuítas era junto ao Forte, à margem do Pajeú. Quando o Padre João Ginzel, ou Guedes, escreve, em outubro de 1727: — "Está a fazer quatro anos, que chegamos ao Ceará, onde, na casa que compramos e ampliamos, vivemos, com suficientes cômodos, quatro religiosos. Abrimos escola e ensinamos a muitos meninos a ler, escrever e contar e os primeiros elementos de Latinidade e praticamos os demais ministérios, — refere-se à Casa de Fortaleza, pois a de Aquirás não existia ainda. Esta é a que aparece no mapa de Manuel Francês com os dizeres: "Fez de nôvo o Cap.-Mor".

Tal Residência não se prestava para os fins previstos: era em terreno arenoso, apertado entre o "rio" Pajeú e o Forte, que era de madeira, de taipa e pilão... (Carta de João Ginzel, de Lisboa, 10 de abril de 1726.)

O coronel João de Barros Braga ofereceu ao P. Ginzel um sítio em Aquirás com área de meia milha e vendeu-lhe um terreno cercado, por 500 escudos, onde se poderia cultivar todo gênero de frutas e legumes e até cana-de-açúcar. O mesmo benfeitor já tinha dado antes outra milha de terra, boa para pastios que, com outros bene-

fícios, se poderia computar tudo em mais de 900 escudos, afirma Ginzel para Roma.

Tinha já o terreno. A fundação, contudo, não foi pacífica. A ela se opunham, tenazmente, o Governador e o Bispo de Pernambuco e até o Provincial da Companhia de Jesus. Mas o fato é que se fundou em 1727.

Era uma Casa central de Missionários, tendo anexo um Seminário, ou internato para alunos, cujas famílias moravam distante, no Ceará e no Piauí. Os pais não se resolviam a mandar os filhos aos estudos fora, por não achar casa em que os pudessem acomodar, sem perigo de se perderem pela grande soltura em que comumente se vive nos sertões. Daí a construção do Seminário ou internato anexo ao Hospício, com nova dotação real de 6.000 cruzados.

A 25 de outubro de 1731 escrevia a el-Rei sôbre a Casa de Aquirás o Governador de Pernambuco, Duarte Sodré Pereira: — "O Hospício está em bom sítio, tendo os Padres dentro da cêrca um ôlho dágua nativa, achando-se nela já cinco Padres e dois leigos, com dormitório capaz em que vivem e uma pequena ermida, em que dizem missa, estando de próximo para fazer a igreja.

A dita obra é de tanto serviço de Deus, que nenhuma outra a excederá, por estar em meio de uns sertões, os maiores desta América, entre o Maranhão e a praça de Pernambuco, povoada de criminosos e muitos mulatos de larga vida, uns criados entre as feras, que nêles há, e outros dêsse Reino, com os mesmos costumes, vivendo alguns em sítios, que distam das igrejas 20 e 30 léguas, com pouco temor de Deus e das justiças. Da doutrina dêstes Padres, ensinada aos filhos dêstes homens, para o que têm Seminário, podem-se esperar grandes utilidades contra os referidos costumes." (Cf. Arquivo Hist. Colonial, Lisboa, II, 25-10, - 1731.)

Um ano antes, a 9 de abril de 1730, a Câmara de Aquirás fêz uma representação ao Conselho Ultramarino a favor do Hospício, louvando suas benemerências, — representação corroborada pelo vigário da Matriz de São José de Ribamar, Padre Alexandre da Fonseca, Vigário Geral de tôda a Capitania. Atesta êle a evidente utilidade do Hospício para todos os paroquianos.

As coisas andavam lentamente e em 1732 a Casa dos jesuítas, em Aquirás, ainda estava em construção. A carta régia de 12 de fevereiro dêsse ano dava novos emolumentos aos pacientes construtores. Mas, de que servia consignar-se el-Rei os auxílios necessários, se êstes se atrasavam sempre, não se pagavam, ou mal pagavam? A nossa emperrada burocracia vem de longe, convenhamos.

A carta ânua enviada a Roma pelos jesuítas em 1723, diz assim: — "Esta Casa tem por fundador o Sereníssimo Rei de Portugal, que dispôs residissem nela, sempre, 10 Padres da Companhia, que se ocupassem das missões e da educação dos meninos. Mas, re-

gularmente, estão cinco (padres). Para manutenção de cada um deu el-Rei sessenta escudos. Todavia, a casa não está completamente fundada e só tarde o estará; a dotação real nunca se paga na íntegra, e, portanto, não se pode completar o número de Padres, destinado pelo fundador.

Além da dotação real, possui esta casa duas pequenas fazendas: de uma tira a carne de que precisa, e algum gado, que vende; da cutra tira farinha e legumes para se sustentar." A fazenda de gado chamava-se Pindoba. Será que ainda existe com tal nome?

Quando os jesuítas tomaram conta das aldeias mais próximas de Fortaleza, Parangaba, Paupina, Soure e Monte-Mor, Aquirás se tornou, como já vimos, a Casa central das Missões nordestinas. A ela tôdas as mais se subordinavam.

A 31 de julho de 1748, dia de Santo Inácio de Loiola, lançou-se a primeira pedra da nova igreja. Ficou sob a invocação de Nossa Senhora da Assunção. Era ligada ao Hospício e de muito boa arquitetura.

A Casa dos jesuítas em Aquirás, ou seja o Hospício do Ceará, prestou a nossa terra bons serviços, desde 1727 até ao Natal de 1759, quando, em plena noite festiva, o vigário local leu aos Padres ali reunidos, num silêncio impressionante, o édito do Cardeal Saldanha, criatura servilíssima do Marquês, intitulado "Satis Protervum", tendo os soldados repelido, à fôrça, os índios que chegavam à igreja para a festividade dessa noite santa. Êsse decreto, diz Caeiro, é um tecido de calúnias soezes. Filho espúrio da "Relação Abreviada".

Quando se deu o embarque dos missionários, banidos do Ceará, a 9 de fevereiro de 1760, era Superior da Casa de Aquirás, o Padre Manuel Franco, que foi o último a governá-la.

Ao Ceará êles, os jesuítas, só voltariam 161 anos depois nas pessoas dos que aqui chegaram em 1921. Foi um longo interregno, que em nada favoreceu ao Brasil: ponha-se mais êste zero à esquerda na conta sinistra do Marquês de Pombal, o déspota esclarecido.

A Casa de Aquirás teve como Superiores, nas três décadas de sua existência, os Padres João Ginzel, ou Guedes, o fundador, Luís de Mendonça, Manuel de Carvalho, Manuel de Matos, Francisco Lira, Manuel Pinheiro, Francisco Sampaio, João de Brito e Manuel Franco. Trabalhou ali, também, o irmão-coadjutor Manuel da Luz, natural de Proença, Portugal, homem dotado de bons conhecimentos de medicina, enfermeiro de profissão. Faleceu no Recife a 12 de agôsto de 1735.

O P. João Ginzel era natural de Komotau, na Boêmia. De Lisboa veio para o Brasil em 1694 com 34 anos de idade. Primeiro estêve no interior da Bahia. Acompanhou outros padres na expulsão da aldeia da Rodeia, Rio São Francisco, pelos índios da Casa da Tôrre. Pelo Açu e Jaguaribe entrou no Ceará, onde foi incansável missionário. Era homem de bons préstimos e de ação. Em 1716 aparece como Rei-

tor de Olinda. Estagiou pela Ibiapaba. Foi o fundador do Hospício de Aquirás e morreu a 11 de fevereiro de 1743. Repousa lá nalgum recanto escuso. Foi o segundo a morrer em Aquirás.

Quando se tratou da fundação da Escola Apostólica de Baturité, em 1921, o P. Antônio de Oliveira Pinto, seu idealizador, lembrou-se de trazer para o nôvo edifício a pedra que devia estar nos fundamentos da antiga igreja de Aquirás, obra jesuítica de outrora.

Lá foram e a encontraram. A pedra, trazida de Aquirás, chegou a Baturité a 30 de novembro de 1922 e, no dia 3 de dezembro dêsse ano, festa de São Francisco Xavier, foi lançada nos alicerces da nova igreja, dedicada ao Coração de Jesus, pelo engenheiro Dr. Drindl, na presença do Arcebispo de Fortaleza, D. Manuel da Silva Gomes e de outras importantes personalidades do mundo oficial cearense. Tal cerimônia foi celebrada pelo escritor e humanista, P. Alexandrino Monteiro, com uma bela poesia, em versos alexandrinos impecáveis, e publicada na imprensa local.

Na lápide histórica, que ia iniciar outra etapa, abriu-se, a cinzel, uma inscrição latina de bom quilate, que diz o seguinte:

— "Esta lápide, retirada das ruinas de um templo da antiga Companhia, em Aquirás, por Providência especial de Deus, é sinal do vínculo existente entre a antiga e nova Companhia e servirá de estímulo aos Nossos para que, com valor e trabalho, respondam, quanto lhes fôr possível, àqueles grandíssimos varões que, com suor e sangue, cultivaram esta vinha do Senhor..." (1)

A intenção do nôvo fundador, P. Antônio Pinto, usando de tal simbolismo, era que a obra missionária, interrompida, bruscamente, 162 anos antes, fôsse retomada e continuada pelos novéis jesuítas, saídos do nôvo Seminário de Baturité, — a bela Escola Apostólica, obra da Companhia de Jesus, no século vinte, edifício granítico, com ares de castelo medievo, que honra o Ceará e o Norte do Brasil.

Tudo, neste mundo, tem seu dia.

(1) Damos a seguir tal inscrição no original latino para gáudio de quantos ainda apreciam tal língua, sobretudo por se tratar de uma Revista como esta, que congrega a fina flor da intelectualidade cearense. Ei-la:

— **"Hic lapis fundamentalis, desumptus ex ruinis antiqui Societatis templi ad Aquirás, Dei speciali Providentia, signum vinculi inter antiquam et novam Societatem et stimulus Nostris erit, ut virtute ac labore strenuo maximis illis viris, qui hanc vineam Domini sudore et sanguine coluerunt, quoad fieri poterit, respondeamus."**